



# Agenda política

## Direita e esquerda no pensamento de Norberto Bobbio

### Right and left according to Norberto Bobbio's thoughts

168

Wainer Antonio Silva<sup>1</sup>  
Renato Almeida de Moraes<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho nasce do desejo de se trazer mais reflexividade analítica sobre o tema direita e esquerda, apresentando-o no pensamento de Norberto Bobbio, que trouxe, em nossa leitura, significativa contribuição para essa discussão no campo da Ciência Política. Buscamos expor ao leitor os constructos analíticos bobbianos, realizando uma pesquisa bibliográfica do autor a fim de esclarecer os conceitos que fazem referência direta ou indireta sobre o tema. Dessa forma, indicamos os meandros pelos quais Bobbio percorreu até chegar a suas definições de direita e esquerda. Por fim, trazemos uma crítica à abordagem bobbianas sobre o tema, no que se refere à ausência do pensamento conservador moderno como variável significativa na análise

---

1 Formado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).  
wainer\_silva@hotmail.com

2 Professor-adjunto de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos; Doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. rmoraes@ufscar.br

de Bobbio, que, caso fosse inclusa, as conclusões, como a própria abordagem bobbiana, teriam que ser alteradas para dar conta da realidade.

**Palavras-chave:** Direita; Esquerda; Liberalismo; Socialismo; Conservadorismo.

**Abstract:** The present work is born from the desire to bring more analytical reflexivity on the theme of right and left, showing it by the thinking of Norberto Bobbio, which, in our perspective, has brought a significant contribution to this discussion in the field of Political Science. We seek to expose to the reader the analytical Bobbian constructs, through a bibliographic research of the author in order to clarify the concepts that refer to the subject directly or indirectly. In this way, we indicate the intricacies in which Bobbio passed by until he reached his definitions of right and left. Finally, we bring a critique of the Bobbian approach on the subject, regarding the absence of modern conservative thinking as a significant variable in Bobbio's analysis, which, if it were included, the conclusions, such as the Bobbian approach itself, would have to be altered to according to the reality.

**Key words:** Right; Left; Liberalism; Socialism; Conservadorism.

## 1. Introdução

169

No dia 21 de Setembro de 1792, 749 deputados se reuniram em uma assembleia para discutir os rumos que a França tomaria após os turbulentos acontecimentos decorrentes da Revolução Francesa. Os girondinos (moderados) se sentaram à direita na sala, enquanto os jacobinos (radicais) se sentaram à esquerda, e os oscilantes sentaram-se no centro. O que eles não imaginavam é que os lugares em que se sentaram naquela assembleia lançariam as bases para o vocabulário político diádico de direita e esquerda até os dias atuais<sup>3</sup>.

Na história, as ideias estão sujeitas ao escrutínio dos que hão de vir, e os termos “direita” e “esquerda” não poderiam fugir desse processo. Se, inicialmente, serviram para distinguir os mais moderados dos mais radicais dentro da burguesia pertencente ao terceiro estado convocado em uma assembleia durante a Revolução Francesa, ao longo do tempo, ganharam novos contornos e assumiram as mais diversas formas e significados que podem ou não, em maior ou em menor medida, dependendo do lugar de onde se fala, estar de acordo ou em desacordo com o seu contexto de surgimento.

---

<sup>3</sup>Ver: HOBBSAWM, Eric (2015). *A era das revoluções: 1789-1848*. Editora Paz e Terra.

Diante de um assunto tão amplo, Norberto Bobbio, um dos grandes pensadores políticos do século XX, em 1994, desdobra-se especificamente sobre esse assunto em sua obra “Destra e sinistra – ragioni e significatidi una distinzione política”, publicada e traduzida no Brasil pela Editora UNESP em 1995 como “Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política”.

Nesse livro, Bobbio, com um caráter fortemente analítico, insiste na validade da díade em meio à cultura “pós-moderna” que traz consigo várias discussões que confluem para a afirmação de que esses conceitos estariam ultrapassados diante da alta complexificação das estruturas sociais. E lança luz sobre a ontologia desses termos, definindo-os e se posicionando axiologicamente no debate.

Este presente trabalho tem como objetivo conceituar o que é direita e o que é esquerda em Norberto Bobbio, expondo alguns pontos de seu pensamento político nos quais está ancorada sua conceitualização diádica. Sendo assim, foi realizado um levantamento bibliográfico a fim de encontrarmos livros de autoria bobbiana onde se encontram essas concepções.

170

Dividimos o objetivo da pesquisa em três eixos: I) apresentação de alguns pontos — segundo nossa leitura e percepção — do pensamento político de Norberto Bobbio, que esclarecem os pontos de partida nos quais ele se ancorou para escrever sobre a díade direita-esquerda; II) reflexão sobre a obra bobbiana “Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política”, no qual o tema exclusivo são os conceitos de direita e esquerda; e III) considerações finais.

Para além da introdução, o artigo foi organizado em oito seções. Na primeira, apresentaremos a forma como Bobbio definia os conceitos, e o seu recorrente uso das díades. Na segunda, suas conceitualizações de socialismo e liberalismo. Na terceira, apresentamos o liberalismo de esquerda bobbiano, e a sua definição de democracia. Na quarta, a discussão sobre a terceira via em Bobbio. Na quinta, a contraposição bobbiana às objeções sobre atualidade dos termos direita e esquerda. Na sexta, o critério bobbiano de distinção entre direita e esquerda. Na sétima, a definição de Bobbio de direita e esquerda. E na oitava, apresentamos algumas conclusões.

## 2. Conceitualização e uso de dicotomias como instrumento metodológico

Bobbio, quando publicou em 1982 seu livro “O conceito de sociedade civil”, que analisa o pensamento de Antonio Gramsci recebeu críticas acerca da forma como conceitualizou o pensamento gramsciano, mas acabou por recebê-las muito bem. Essas críticas o acusavam de “enrijecedor”, no sentido de trazer rigor e simplificação quando se propunha a analisar o pensamento de determinados autores ou conceitos.

(...) acolho a crítica que outros me dirigiram — como, por exemplo, Gruppi e Geratana — de ter enrijecido o pensamento de Gramsci. Reconheço-o: por uma certa deformação profissional, sou um “enrijecedor”. Se realizei um trabalho de enrijecimento fiz isso de propósito. Busquei explicitar — ainda que provavelmente não o tenha conseguido — uma argumentação rigorosa: a passagem do rigor para o enrijecimento, já que sempre pensei que só uma argumentação analiticamente rigorosa seria capaz de compreender, em sua complexidade, o pensamento nada linear de Gramsci. Sei muito bem que estamos diante de conceitos elásticos, mas a tarefa do crítico não é torná-los ainda mais elásticos, acrescentando confusão a confusão, porem de fixá-los, delimitá-los, enquadrá-los num significado o mais possível unívoco e privado de ambigüidades. (Bobbio, 1982, p.59).

171

Assuntos como esses — extensos e elásticos, segundo Bobbio — foram comumente tratados por ele, e para definir os conceitos, sempre buscou fazer um apanhado histórico e descritivo, procurando as origens do constructo e as diversas variações que sofreu ao longo do tempo entre as várias correntes de pensamento. Suas definições geralmente, como ele próprio admite, podem parecer “pobres”, uma vez que sua tentativa de enrijecer ou delimitar a discussão se tratava de encontrar um lugar comum entre todas as discussões sobre o assunto em questão. Um exemplo é quando Bobbio busca uma definição de Socialismo e Liberalismo.

Essas definições sempre lhe trouxeram muitas críticas, pois não é nada agradável aos que professam uma doutrina vê-la sob desvelamento tão rígido e “simplista”, como diz em seu livro “As ideologias e o poder em crise”:

Sei, entretanto, que não faz mal colocar um pouco de ordem em nossos raciocínios nem mostrar o movimento interno, por vezes elementar, das nossas elucubrações. O esquematismo está inerente,

no caso, à simplificação de uma realidade complexa a que nos induz qualquer raciocínio através de díades ou tríades (Bobbio, 1994, p.164).

Outra questão importante em Bobbio é o uso das dicotomias como instrumento metodológico afim de descomplexificar a realidade concebida por ele como plural e complexa.

O jogo dessas dicotomias, na sua *arscombinatoria*, é a maneira pela qual opera, como intelectual mediador, a relação entre dois elementos distintos, esclarecendo os conceitos com senso histórico, inspiração analítica e preocupação empírica. Nesse processo, ele se vale da clareza iluminada do seu inconfundível estilo, que, como todo estilo, não é a forma que se adiciona a substancia, mas sim, como apontou Proust, a qualidade diferenciada de uma visão de mundo (Lafer, 2003, p. 41, 42).

Bobbio afirmava empreender o uso do esquema diádico quando a realidade a qual estamos testemunhando é vista como “quebrada”, ou com algum tipo de contraste irresolúvel. Para exemplificar isso, ele usa o exemplo da díade democracia-ditadura:

(...) considero democracia e ditadura como dois termos que se excluem um ao outro, de tal maneira que em qualquer regime não pode haver senão democracia ou ditadura, na medida em que a aceitação da primeira implica necessariamente a rejeição da segunda, e vice-versa (Bobbio, 1994, p.162).

Existem díades em que as partes são antitéticas e outras em que são complementares. A primeira consiste em uma visão de universo ou todo, composto por várias partes, onde cada uma tem o seu par. Cada par é formado por dois entes que são antagônicos, ou seja, eles expressam partes do todo que são contrapostas ao mesmo tempo em que a existência de uma depende da outra.

Elas nunca se juntam formando um único ente, pelo contrário, embora não se juntem, ao mesmo tempo, uma não anula a existência da outra. Como no exemplo citado por Bobbio, não se pode existir Democracia e Ditadura simultaneamente numa sociedade, ao passo que somente compreendemos o que é Democracia ao passo que existe a possibilidade de uma Ditadura e vice-versa. Portanto, a síntese nesse tipo de díade é dialética, ou seja, ocorre por contradição.

Na segunda díade (complementar), a ideia de erro ou contradição não possui o mesmo valor que no primeiro tipo de díade, pois aqui o universo é visto como um todo complementar, ou seja, partes (duais) que se complementam. E ao se juntarem, forma-se um todo que sempre é composto por dois entes ontologicamente incompletos, mas que, quando juntos, completam-se, sendo a síntese por composição.

### 3. Socialismo e Liberalismo

Em seu livro "Ideologias e o poder em crise", publicado em 1982, Bobbio, na segunda parte de sua obra intitulada de "O que é o socialismo?", diz que o socialismo tornou-se desde seu nascimento um movimento europeu tão plural em formas, aspectos e perspectivas que defini-lo não é uma tarefa fácil. Dentro desse contexto, ele diz não distinguir socialismo e comunismo.

Inicialmente, afirma Bobbio, era possível entender "socialismo como doutrina e como sistema de ideias" (BOBBIO, 1994, p.38). Entretanto, diz ironicamente, que os eruditos nesse tempo chegaram a catalogar mais de duzentas definições diferentes entre si.

Assim sendo, passou-se a definir socialismo como um movimento e regime, caracterizando-o como um programa político de movimentos operários que, segundo Bobbio, não deixou de ser algo plural, pois ainda assim podemos falar em muitos movimentos e regimes que divergem entre si. Essa definição por meio do movimento operário "é limitativa e fora de propósito", pois se incorporaram ao movimento socialista diversos grupos como: camponeses, pequeno-burgueses, os subproletariados, vanguardas estudantis, setores do movimento feminista, entre outros (BOBBIO, 1994, p.39).

Sendo assim, a questão é: o que aproxima os vários socialismos? Ele diz que não deseja se arriscar a fazer isso se lançando sobre a interminável discussão acerca dos meios e fins, nem se julga apto a tentar descrever uma sociedade socialista ideal, uma vez que existem muitos autores que empreenderam essa tentativa.

A resposta de Bobbio, então, é que o "(...) socialismo, em todas as suas diferentes e contrastantes encarnações, significa, antes de tudo, uma coisa: *mais igualdade*" (Bobbio, 1994, p.39). Ele antecipa as críticas que vieram acerca de sua

definição, dizendo que ela pareceria simplista ou uma resposta "pobre". Entretanto, ele ressalta:

Apesar de tudo, uma das poucas coisas que apreendi na história e da meditação através de livros com homens de todos os tempos é que uma das maiores linhas de divisão entre os homens, em sua atitude para com seus semelhantes, é a que ocorre entre igualitários e não-igualitários, ou seja, entre os que crêem que os homens são iguais entre si, apesar das diferenças, e os que crêem que são desiguais, apesar das semelhanças; ou ainda entre os que acham injustas as desigualdades sociais porque os homens são mais iguais que desiguais e os que pensam que todo processo de encurtamento das distâncias entre classes e categorias não se justifica por serem os homens mais desiguais que iguais (Bobbio, 1994, p.39, 40).

Em seguida, Bobbio trata sobre a questão do liberalismo quando se vê diante de questões semelhantes, pois para ele, assim como não existe socialismo, mas socialismos, não existe liberalismo, mas liberalismos.

A definição de liberalismo em Bobbio é mais abordada em seu livro "O futuro da Democracia", no qual ele diz: "Também para o pensamento liberal pode se pôr a pergunta que me pus há alguns anos para o socialismo: Qual liberalismo?" (BOBBIO, 2000, p.128).

Embora existam inúmeros autores que se desdobraram sobre o liberalismo, entre os quais se destacam os que foram e são considerados clássicos, Bobbio divide as diversas concepções em duas: o liberalismo como teoria econômica sendo favorável a economia de mercado; e o liberalismo como teoria política, defendendo o Estado mínimo. Essa concepção liberal de Estado trouxe consigo questões como: laicidade, liberdade religiosa, econômica, política, de expressão, de pensamento e de escolha dos indivíduos, entre outros.

A quebra do monopólio do poder ideológico, econômico e de opinião política ocorreu justamente com a ascensão da burguesia mercantil e empresarial, por meio da concessão dos direitos civis, e acabou por conservar somente o monopólio da força, que é limitado pelos direitos do homem e pelas várias ligações jurídicas donde se origina o Estado de direito.

Mas a questão ainda permanece: como reduzir ou buscar algo em comum entre todos os liberalismos? Novamente, a resposta superestimada é mais simples do que se espera, pois Bobbio reduz o pensamento liberal ao antônimo de igualdade: a desigualdade. Ou seja, “aquele que tende a colocar em evidência não aquilo que os homens têm em comum, mas aquilo que têm de diferentes enquanto indivíduos” (Bobbio, 1994, p.40).

Entre as duas tradições de pensamento ou entre os dois valores primários “igualdade” e “liberdade”, Bobbio diz se colocar mais no campo do primeiro do que do segundo, pois para ele, “mais igualdade” implica mais liberdade e menos privilégios. “E por isso que, pessoalmente, acredito ser o ideal socialista superior ao ideal liberal. O primeiro engloba o segundo, mas não vice-versa” (Bobbio, 1994, p.40).

Bobbio prossegue dizendo que sabe que deve se alongar mais sobre essas questões, mas fecha o raciocínio com dois argumentos que para ele encerram a discussão sobre sua concepção sobre igualdade e liberdade:

175

Primeiro: a doutrina liberal clássica sempre defendeu que a função do Estado é garantir a cada indivíduo não apenas a liberdade, mas a liberdade igualitária. Com isso deu a entender que um sistema não pode considerar-se justo onde os indivíduos são livres, mas não igualmente livres, mesmo quando entende por igualdade a igualdade formal ou, nas formas mais avançadas, a igualdade de oportunidade. Segundo: a maior causa da falta de liberdade depende das desigualdades de poder, isto é, depende do fato de haver alguns que têm mais poder econômico, político e social que outros. (...) Se por um lado não faria sentido algum dizer que sem liberdade não há igualdade, por outro, é perfeitamente legítimo dizer que sem igualdade (como reciprocidade de poder) não há liberdade (Bobbio, 1994, p.41).

#### **4. Democracia**

Em seu livro "Qual socialismo?", Bobbio nos concede importantes informações sobre sua conceitualização de democracia: "(...) “democrático” é um sistema de poder no qual as decisões coletivas, isto é, as decisões que interessa a toda a coletividade (grande ou pequena seja) são tomadas por todos os membros que a compõem” (BOBBIO, 1983, p.80).

Mas é importante ressaltar que o autor italiano não se coloca ao lado da concepção democrática clássica, mas contrapõe-se a ela, em concordância nesse aspecto ao chamado elitismo competitivo<sup>4</sup>.

A democracia direta, assim como o ideal de “bem comum”, eram inviáveis para Bobbio pelos seguintes motivos: complexidade das sociedades modernas, alta concentração demográfica nas cidades, a burocratização conjuntamente a racionalização do *modus operandi* da lógica estatal assim como dos partidos políticos, e as disparidades e efemeridades dos desejos individuais no coletivo.

Bobbio acreditava que todo grupo está fadado a tomar decisões para sua própria subsistência. Entretanto, essas decisões — que dizem respeito à coletividade — nem sempre são viáveis de se passar pelo crivo da unanimidade. Sendo assim, as decisões em grupo acabam por serem tomadas por pouco indivíduos.

O autor italiano também argumenta no sentido que se refere à ausência de conhecimento da maioria do povo em entender situações complexas que envolvem a coletividade, impossibilitando-os, portanto, (na maior parte) a tomar decisões sobre questões específicas.

Quantos são os indivíduos que dominam os problemas econômicos de um grande Estado e estão à altura de propor soluções corretas, uma vez colocados certos objetivos; ou, pior ainda, de indicar os objetivos que devem ser alcançados a partir de certos recursos? E, no entanto, a democracia se sustenta sobre a idéia-limite de que todos possam decidir tudo. (Bobbio, 1987, p. 61)

Avançando no quesito legal da democracia, em seu livro "O futuro da democracia", Bobbio define democracia da seguinte forma: “por regime democrático entende-se primariamente um conjunto de regras de procedimento para a formação

---

4 Autores como Max Weber, Joseph Schumpeter, e Anthony Downs, podem ser considerados como partícipes dessa corrente em vários aspectos. Dentre eles, ressaltamos Schumpeter que é considerado por muitos, o autor paradigmático na passagem de uma abordagem clássica para o modelo moderno de democracia. Robert Dahl, embora possua várias postulações (como a poliárquia) que compõem rupturas com o elitismo competitivo, pode ainda sim, ser enquadrado nessa corrente, pois não rompe definitivamente com ela, assim como Giovanni Sartori que também buscou compreender as minorias no processo democrático buscando estabelecer meios pelos quais se garanta suas respectivas participações no âmbito político, sem que elas fossem suplantadas pela maioria, assim como garantir essa amplitude participativa sem recair num autoritarismo da maioria.

de decisões coletivas, em que está prevista e facilitada à participação mais ampla possível dos interessados" (Bobbio, 2000, p.22).

Para que as decisões sejam aceitas como “legítimas”, elas precisam ser deliberadas por meio de regras que definam quem está creditado a decidir pela comunidade, ou seja, a base procedimental. A regra fundamental da democracia para Bobbio é a “regra da maioria”, ou seja, o que a maioria decide é considerado como decisão coletiva (maioria dentre os que estão autorizados pelo coletivo a decidir).

A democracia só é possível em um governo no qual existam leis que criem instâncias que possibilitem sua existência, sendo assim, Bobbio coloca direito e poder como duas faces da mesma moeda: "só o poder pode criar direito e só o direito pode limitar o poder" (Bobbio, 2000, p.23).

Para Bobbio, a única forma de chegar ao consenso sobre democracia — em vista da díade colocada por ele democracia-autocracia — é sua intrínseca característica normativa. Ou seja, a democracia é formada “por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar decisões coletivas e com quais *procedimentos*” (Bobbio, 2000, p.30).

Mas para além dessas questões, existe uma premissa fundamental para a definição de democracia: “é preciso que aqueles que são chamados para decidir sejam colocados diante de alternativas reais e postos em condição de poder escolher entre uma e outra” (Bobbio, 2000, p. 32).

Sendo assim, recai-se na suma necessidade do direito de liberdade de opinião, expressão, reunião, organização, entre outros. Direitos que, segundo Bobbio, nasceram e persistem no Estado liberal. Sem essas normas constitucionais — por meio das quais se imbrica nesses direitos do indivíduo — a democracia não se inicia muito menos, se desenvolve.

(...) o Estado liberal é o pressuposto não só histórico, mas jurídico do Estado democrático. Estado liberal e Estado democrático são interdependentes em dois modos: na direção que vai do liberalismo a democracia, no sentido de que são necessárias certas liberdades para o exercício correto do poder democrático, e na direção oposta que vai da democracia ao liberalismo, no sentido de que é necessário o poder democrático para garantir a existência e a persistência das liberdades fundamentais. (...) A prova histórica desta interdependência

está no fato de que o estado liberal e o Estado democrático, quando caem, caem juntos (Bobbio, 2000, p.32,33).

Sendo assim, a teoria democrática bobbiana pode ser sistematizada em seis regras, chamadas de “procedimentos universais”, que são:

a) todos os cidadãos que tenham atingido a maioria, sem distinção de raça, religião, condições econômicas, sexo, etc., devem gozar dos direitos políticos (...); b) o voto de todos os cidadãos deve ter peso idêntico (...); c) todos os cidadãos que gozam dos direitos políticos devem ser livres de votar segundo a própria opinião, formada o mais livremente possível, isto é, em uma livre concorrência entre grupos políticos organizados, que competem entre si para reunir reivindicações e transformá-las em deliberações coletivas; d) devem ser livres ainda no sentido (...) de terem reais alternativas, isto é, de escolher entre soluções diversas; e) para as deliberações coletivas como para as eleições dos representantes deve valer o princípio da maioria numérica (...); f) nenhuma decisão tomada pela maioria deve limitar os direitos da minoria. (Bobbio, 1983, p. 56)

178

Bobbio insiste nos méritos da democracia representativa, porque vê as formas de governo sob a perspectiva da liberdade, pois segundo ele, na democracia, as leis podem e devem ser criadas pelos próprios indivíduos aos quais elas dizem respeito, e também na perspectiva de que numa democracia, tal qual concebida pelo autor italiano, o poder é ascendente (Lafer, 2003, p.193). Entretanto, não existe uma postura conformista em Bobbio com relação às conquistas já realizadas no âmbito democrático. Por isso lhe é comumente atribuído, o título de “liberal de esquerda”.

Bobbio sempre se posicionou dentro da doutrina liberal, mas com suas reservas, uma vez que, como já discutido, existem liberalismos e não liberalismo. Lafer coloca Bobbio numa vertente inovadora da esquerda, pois liberdade em Bobbio implica mais liberdade e menos privilégios. Sua identidade política pode ser descrita como “socialista liberal”, mediando a “esquerda intelectual não dogmática e de vocação democrática” e “os liberais atentos às desigualdades” (Lafer, 2003, p.44).

Liberdade e poder estão interligados para Bobbio, pois segundo ele, mais liberdade implica eliminação ou diminuição de desigualdade de poder (poder político e poder econômico): "a condição é que todos os membros de uma sociedade se consideram *livres* porque têm igual *poder*" (Bobbio, 1994, p.42).

Para Bobbio, em uma sociedade, existem pessoas mais livres e menos livres, justamente pela desigual distribuição de poder. Somos menos livres que outrem na medida em que temos menos poder no sentido de não poder fazer determinadas coisas que uma pessoa com mais poder (consequentemente, mais liberdade) pode: “uma pessoa tem tanto mais liberdade quanto mais poder tiver” (Bobbio, 1994, p.43). Para Bobbio, só é possível construir uma sociedade mais livre através de um processo que aumente a igualdade de poder entre as pessoas, tornando-as mais livres.

## 5. A terceira via

Diante das experiências históricas, comunismo e socialismo buscam um afastamento do chamado "socialismo real" que Bobbio divide em dois pólos: leninismo e social-democracia. Ele coloca todos os outros projetos como pertinentes ao campo de "coisas futuras", em que alguns são possíveis e outros são impossíveis de se colocar em prática.

179

A partir disso, muito se falou sobre uma terceira solução que Bobbio interpreta não como um novo projeto, mas como um novo método, sendo que, diferencia social-democracia e leninismo apenas como métodos diferentes para se chegar a um lugar comum entre eles: o primeiro, pela via democrática; e o segundo, via revolucionária.

Para Bobbio, a social-democracia falhou e ele acredita que sempre falhará em derrubar o capitalismo. Sendo assim, levantam-se muitas objeções contra ela por parte da esquerda, ao ponto que chamar algum movimento socialista ou comunista de social-democracia pode ser interpretado como ofensivo. Ao mesmo tempo em que boa parte dos movimentos e partidos opõem-se ao leninismo, proclamando fidelidade frente à democracia.

Dessa forma, a questão para Bobbio deve passar de uma discussão sobre uma terceira via<sup>5</sup> para um aperfeiçoamento dos resultados já conquistados:

---

5 No mesmo ano, o sociólogo Anthony Giddens, publicou seu livro intitulado “Para Além da Esquerda e da Direita” onde concordando com Bobbio no que se refere ao critério de distinção entre a direita e a esquerda, vai além, propondo uma síntese entre ambos os espectros políticos, com intuito de responder as novas demandas que o contexto pós-moderno requer. Em relação à social-democracia, Giddens acredita na necessidade de repensá-la, uma vez que ela foi criada originalmente tendo em vista os papéis sociais tradicionais, além de somente atenuar as desigualdades. Para o sociólogo britânico, a social-

A objeção, repito, é muito séria. Mas a única maneira de responder a ela não é ir à busca de uma terceira via que ninguém sabe onde está, mas fazer com que a via escolhida seja mais eficaz do que foi até agora, ultrapassar os objetivos até hoje alcançados pelos partidos social-democráticos (Bobbio, 1994, p. 151).

Bobbio usa uma história figurativa para expressar seu posicionamento acerca da terceira via. A história se trata de uma princesa que desejava ter um animal que fosse a fusão entre o cavalo e o leão. Seu velho pai insistia que isso não era possível, pois o cavalo era belo e manso, enquanto que o leão era feroz. “Obstinada, a princesa procurou juntar os dois animais até que o cavalo foi despedaçado pelo leão” (Bobbio, 1994, p.165).

Termina Bobbio: “Acredito que o pai da caprichosa princesa tinha razão quando disse que o licorne não existe e que se trata de escolher entre o leão e o cavalo. Pessoalmente, prefiro o cavalo” (Bobbio, 1994, p.168).

180

## **6. A díade direita-esquerda ainda é válida?**

Para Bobbio, direita e esquerda são termos antagônicos que existem há mais de dois séculos com o fim de contrastar ideologias, pensamentos e ações políticas. Sendo, portanto, termos excludentes e exaustivos no sentido de que não se pode ser de direita e esquerda simultaneamente.

Assim sendo, com relação aos tipos de díade, os termos direita e esquerda pertencem ao grupo das díades antitéticas. A existência dos termos direita e esquerda está condicionada ao modo de pensar por díades no campo do saber.

A contraposição entre direita e esquerda representa um típico modo de pensar por díades, a respeito do qual já foram apresentadas as mais diversas explicações – psicológicas, sociológicas, históricas e mesmo biológicas. Conhecem-se exemplos de díades em todos os campos do saber (Bobbio, 1995, p.32).

---

democracia deve não apenas amenizar as desigualdades, mas possibilitar a aquisição de poder aos menos favorecidos no âmbito social, para que possam romper com as amarras opressivas.

Para Bobbio, não existe disciplina que não seja dominada por díades, e usa exemplos como: indivíduo-sociedade em Sociologia, mercado-plano em Economia, transcendência-imanência em Filosofia, e por fim, direita-esquerda que é amplamente encontrada em Ciência Política.

Uma das afirmações sobre a invalidade das díades é a tese sobre o fim das ideologias. Bobbio objeta dizendo que não é um dado que as ideologias não deixaram existir, pelo contrário, estão mais vivas do que nunca, e não há nada mais ideológico do que dizer que as ideologias deixaram de existir. Além disso, direita-esquerda não são definidos exclusivamente pelas ideologias:

“Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente a ação política, contrastes não só de idéias, mas também de interesse e de valorações (*valutazion*) a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer (Bobbio, 1995, p. 33).

181

Outro argumento que busca negar a atualidade da díade se baseia na alta complexidade das sociedades democráticas contemporâneas, na qual se torna inadequada uma separação muito nítida entre duas partes antitéticas, uma vez que existem diversos grupos de opinião e interesses que entram num jogo político.

Bobbio concorda parcialmente com essa objeção, exceto na necessidade de se descartar a díade porque existem posições intermediárias entre direita e esquerda, como o centro. Para exemplificar, ele usa novamente o argumento do lugar intermediário entre o branco e preto.

O centro propicia a distinção entre posicionamento de centro mais próximo da direita e o centro mais próximo da esquerda, existindo assim o centro-centro, que pode ser um terceiro incluído ou um terceiro inclusivo.

O centro incluído busca um espaço entre os dois lados marginais, tentando uma atenuação, um consenso, a fim de evitar o choque frontal. O terceiro inclusivo parte da ideia de síntese dialética, ou seja, uma superação entre direita-esquerda indo além delas, sendo simultaneamente uma aceitação e síntese de ambas as partes.

Resumindo, o primeiro pode ser chamado de terceiro-entre, e o segundo, de terceiro-além.

A posição intermediária de centro — seja de um terceiro incluído ou de um terceiro exclusivo — ainda resguarda a ideia de que a díade direita-esquerda é onicompreensiva, no sentido de dar conta de todos os posicionamentos e práticas políticas existentes. O centro, como Bobbio exemplifica usando as cores, ainda resguarda o entendimento de duas partes opostas, antagônicas e exaustivas.

Outro argumento contra a atual validade da díade a que Bobbio se contrapõe é o de que a díade tornou-se insignificante, visto que autores intelectualmente considerados de esquerda ou direita podem ser interpretados e ressignificados de forma contrária ao seu pensamento, dando origem, assim, a movimentos que destoam em essência ou grau de sua intenção teórica.

Realmente, essas “indevidas”<sup>6</sup> interpretações ocorreram, por exemplo, com Nietzsche, que foi colocado como inspirador do nazismo; Carl Schmitt, promotor do Estado nazista, que muitas vezes foi homenageado na Itália por pensadores da esquerda; assim como Martin Heidegger que, segundo Bobbio, claramente tinha simpatias (negadas ou atenuadas por seus seguidores) pelo nazismo; e Antonio Gramsci, que através de uma determinada corrente de pensamento, deu origem ao pensamento chamado de “gramscismo de direita”. Outro exemplo é o George Sorel, que desempenhou o papel de inspirador de muitos movimentos de esquerda, nascendo dele o sindicalismo na Itália, e posteriormente lhe sobreveio admiração por Mussolini e Lênin, o que influenciou muitos de seus seguidores a aderirem ao fascismo.

Entretanto, a exposição dessas posições “mistas” não nega a autenticidade da díade direita-esquerda, pois o que está em jogo é a díade extremismo-moderantismo. Autores e movimentos revolucionários e contrarrevolucionários estão ligados ao que Bobbio denomina de alinhamentos da ala extremista, seja de esquerda ou de direita.

A díade extremismo-moderantismo não coincide com a díade direita-esquerda e obedece, como veremos, a um critério de contraposição no

---

<sup>6</sup> Segundo Bobbio, alguns casos se caracterizam como uma possível interpretação, outros incorrem de leituras desvirtuadas do autor.

universo político diverso do que conota a distinção entre direita e esquerda (Bobbio, 1995, p.51).

A díade extremismo-moderantismo não está diretamente ligada à essência das ideias, mas muito mais aos meios pelos quais se podem alcançar os objetivos definidos. Isso explica o motivo pelo qual revolucionários e contrarrevolucionários possuem autores em comum. Dois autores extremistas são citados para exemplificar a ideia de Bobbio: Ludovico Geymonat (extrema esquerda) e Solinas (extrema direita). Ambos contrapõem-se ao moderantismo que pode ser sinônimo de democracia, o que conclui Bobbio:

Destas duas citações fica bem claro que um extremismo de esquerda e um de direita tem em comum a antidemocracia (...). Porém, a antidemocracia os aproxima não pela parte que representam no alinhamento político, mas apenas na medida em que representam as alas extremas naquele alinhamento. Os extremos se tocam (Bobbio, 1995, p. 53).

183

Outro ponto de convergência entre os extremos é o anti-iluminismo, tanto o de origem historicista, que segundo Bobbio, divide-se em uma corrente politicamente conservadora de Hegel à Croce; e o anti-iluminismo que está ligado ao pensamento marxiano. Assim como o anti-iluminismo irracionalista ligado à religião, contrapondo a ruptura da antiga ordem sacralizada pela providência.

A visão do movimento histórico entre moderados e extremistas também pode servir para diferenciá-los, uma vez que o moderantismo tem uma visão gradualista e evolucionista da mudança histórica que deve ser efetuada tendo como guia a ordem preestabelecida (tradição).

O extremismo, por sua vez, tem uma visão histórica de saltos qualitativos, nos quais a ação humana é protagonista, existindo assim, uma ruptura do tecido social que desestabiliza o *status quo* de forma a gerar as catástrofes coletivas.

Assim sendo, bolchevismo, stalinismo, nazismo, e fascismo estariam ligados (os extremos se tocam) pelo caráter revolucionário que se segue pela contra-revolução de outro, “mas sempre revolução, a catástrofe após catástrofe” (Bobbio, 1995, p.55).

Mas o principal ponto no qual Bobbio se ancora para afirmar a atualidade da díade é o de que o universo da política é construído por relações de antagonismo entre

duas partes que se contrapõem. Dessa forma, o modo mais “natural” de se analisar essas relações são as díades.

Lançando mão do exemplo das guerras, Bobbio afirma sempre existir o antagonismo de duas partes, no qual a terceira parte serve apenas de mediador com o fim de fazer a guerra cessar ou arbitrará-la buscando estabelecer a paz:

Os terceiros que não participam do jogo, são os chamados neutros, no sentido preciso de que não estão nem de uma parte nem de outra, e como tal não são beligerantes. No momento em que se deixam envolver no conflito tornam-se aliados ou de uma parte ou de outra. As partes em jogo, por mais numerosos que sejam seus aliados, são sempre apenas duas (Bobbio, 1995, p.66).

A díade aqui discutida é a amigo-inimigo, que se trata de se reduzir o conflito a duas partes, a polarização, por assim dizer, que contém as seguintes variações: “amigo do meu inimigo é meu inimigo”, e “inimigo de meu inimigo é meu amigo”.

184

Onde não existe mais do que duas posições possíveis, ou amigo ou inimigo – e é está, como se disse, a contraposição que exprime melhor do que qualquer outra a visão dualista da política —, dão-se quatro possíveis combinações: amigo pode ser tanto o amigo do meu amigo quanto o inimigo do inimigo; inimigo pode ser tanto o inimigo do amigo quanto o amigo do inimigo (Bobbio, 1995, p.67).

Portanto, enquanto existirem conflitos, a visão dicotômica não desaparecerá, segundo Bobbio. Os atores em antagonismo podem mudar como mudaram desde a criação dos termos na Revolução Francesa, mas se existe antagonismo, existirá a díade. Essa é a explicação do por que a díade não desapareceu, mas permanece viva e tende a se acentuar em períodos de conflito, como em épocas eleitorais.

## **7. O critério bobbiano de distinção entre direita e esquerda**

Olhando para o critério de distinção escolhido por Bobbio para diferenciar direita e esquerda, vemos que ele se utiliza do valor igualdade que é “a diversa postura que os homens organizados em sociedade assumem diante do ideal da igualdade” (Bobbio, 1995, p.95).

O conceito é relativo e não absoluto, sendo, portanto, necessário colocá-lo diante de três variáveis que precisam ser consideradas todas as vezes que se expõe o conceito. Essas três variáveis são:

a) os sujeitos entre os quais se trata de repartir os bens e os ônus; b) os bens e os ônus a serem repartidos; c) o critério com base no qual os repartir. Em outras palavras, nenhum projeto de repartição pode deixar de responder a estas três perguntas: “Igualdade sim, mas entre quem, em relação a que e com base em quais critérios?” (Bobbio, 1995, p.96, 97).

A partir dessas três variáveis obtêm-se muitas repartições, em que todos que partilham do ideal da igualdade podem ser chamados de igualitários, apesar se serem muito diversos entre si. O ponto extremo são os igualitaristas: “A todos a mesma coisa” (Bobbio, 1995, p.97).

Em seguida, Bobbio distingue a posição igualitária do igualitarismo. Igualitária é a posição que busca em maior ou menor grau, e de diferentes formas (segundo os três critérios relacionais expostos acima) a igualdade. Igualitarismo seria a posição que afirma que todos os homens devem ser iguais em tudo, independentemente de qualquer critério discriminador.

Mais adiante, ele distingue desigualdades naturais sendo que, algumas delas podem ser corrigidas, mas a maior parte, não. E existem as desigualdades sociais que podem, em sua maioria, ser eliminadas, principalmente as produzidas pelos próprios indivíduos ou, ao menos, desencorajadas.

Bobbio reconhece a dificuldade de se distinguir o status de uma desigualdade “natural” de uma “social”, derivada do nascimento em uma determinada família e não em outra, em uma região do mundo e não em outra, das desigualdades que dependem das capacidades diversas, do empenho empreendido pelo indivíduo. O que não pode ocorrer, segundo Bobbio, é a diversidade de tratamento por parte do poder público.

Disso decorre que quando se atribui a esquerda uma maior sensibilidade para diminuir as desigualdades não se deseja dizer que ela pretende eliminar todas as desigualdades ou que a direita pretende conservá-las todas, mas no máximo que a primeira é mais igualitária e a segunda é mais desigualitária (Bobbio, 1995, p.103).

A esquerda considera que os homens são mais iguais do que desiguais, e a direita, vice-versa. Igualitários partem da convicção de que a maior parte das desigualdades que o indignam são sociais, portanto, elimináveis. O inigualitário, por sua vez, é o oposto: as desigualdades são naturais e, portanto, inelimináveis.

Bobbio coloca como representantes dos ideais igualitários e inigualitários, Rousseau e Nietzsche, respectivamente. Rousseau parte da consideração de que os homens nascem livres e iguais, mas são artificialmente tornados desiguais. Nietzsche parte do discurso de que a natureza traz no homem a desigualdade, sendo ela benéfica, portanto, a igualdade artificial é um problema.

A antítese não poderia ser mais radical: em nome da Igualdade natural, o igualitário condena a desigualdade social; em nome da desigualdade natural, o inigualitário condena a igualdade social (Bobbio, 1995, p.107).

186

A tese de Bobbio, em suma, é a de que a distinção entre direita e esquerda se refere ao juízo positivo ou negativo sobre o ideal da igualdade, e isso decorre, em última instância, da percepção e da avaliação daquilo que torna os homens iguais ou desiguais. Porém, isso soa tão abstrato, segundo o próprio Bobbio, que serve no máximo para distinguir dois tipos ideais.

### **8. Liberdade e igualdade: a definição bobbiana de direita e esquerda**

Para Bobbio, a igualdade como ideal supremo está habitualmente acoplada ao ideal de liberdade, que assim como o ideal da igualdade, é supremo e último. Ambos ideais, dependendo das diversas situações, são compatíveis e complementares na projeção de uma boa sociedade. Em outras situações, eles são incompatíveis e se excluem, e em outras é necessário uma equilibrada combinação de ambos.

Ele cita o sistema social da URSS como exemplo de quando a igualdade foi buscada não só formalmente, mas substancialmente, porém, em detrimento da liberdade e os resultados foram desastrosos. Ao mesmo tempo, Bobbio critica a sociedade atual onde a liberdade, especialmente a liberdade econômica, tem sido relevada, produzindo assim, desigualdades.

Outro ideal apresentado por Bobbio é o da ordem, pois não se pode deixar de reconhecer que ela é um bem comum a todas as sociedades, tanto que a “desordem” significa opressão que contraria a “liberdade” resultando em desigualdade.

Ordem e liberdade devem coexistir, uma vez que a boa convivência só pode ser fundada sobre um compromisso de um com o outro a fim de evitar a anarquia. E no outro extremo, temos o Estado totalitário (perda da liberdade) em nome da igualdade ou da ordem.

Em seguida, Bobbio dá vários exemplos de como impor igualdade fere as liberdades individuais, mas ressalta que os pobres ou mais fracos geralmente perdem uma liberdade potencial, enquanto os ricos, uma liberdade substancial. Ele diz que o mesmo raciocínio é usado na doutrina liberal: de que todos os homens tem idêntica liberdade, exceto em casos nos quais seja necessário que cada um limite sua liberdade para não impedir que os outros percam sua liberdade.

Ele usa o caso do contratualismo hobbesiano no qual cada pessoa é tão mais livre quanto o seu poder. E em um contrato para sair do medo iminente da morte, todos devem abdicar da liberdade natural ou regulá-la. Não existe liberdade em geral, mas apenas liberdades singulares. Usufruir todas as liberdades em abstrato é diferente de usufruir cada liberdade singular de modo igual a todos.

Segundo Bobbio, a doutrina liberal pode assegurar a liberdade a todos em abstrato, mas liberdade na prática, somente com medidas igualitárias limitadoras pode-se corrigir o princípio geral. Nem sempre medidas igualitárias restringem a liberdade de outrem, como no caso do sufrágio universal, que apenas restringe o poder dos homens.

Sendo assim, Bobbio define direita e esquerda usando o critério igualdade-desigualdade, dizendo que ao lado da díade igualdade-desigualdade deve-se colocar a díade liberdade-autoridade, pois dela derivam nas extremidades, movimentos libertários ou autoritários. Ou seja, distingue direita e esquerda pela apreciação em maior ou menor da igualdade, e o critério para distinguir o lado moderado do lado extremista pela apreciação em maior ou menor pela liberdade.

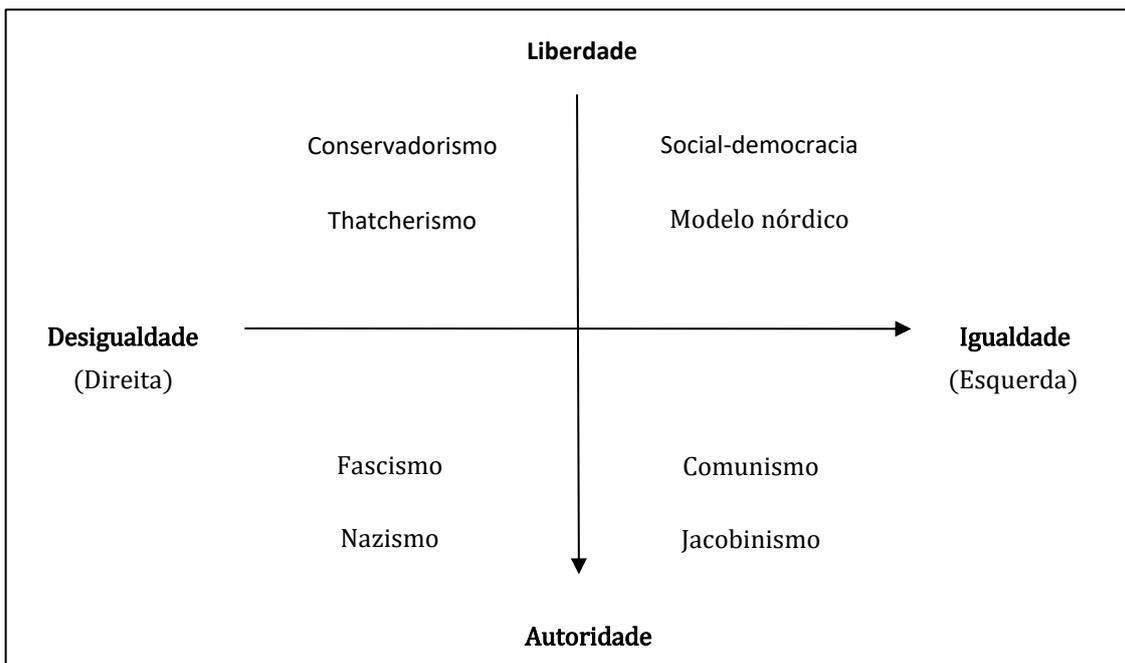
Se me for concedido o critério para distinguir a direita da esquerda é a diversa apreciação [apprezzamento] da idéia da igualdade, e que o

critério para distinguir a ala moderada da ala extremista, tanto na direita quanto na esquerda, é diversa postura [attegiamento] diante da liberdade (...) (Bobbio, 1995, p.118).

Dessa forma, ele divide esquematicamente os posicionamentos em quatro, sendo elas: extrema-esquerda na qual se encontram movimentos igualitários e autoritários; centro-esquerda, como movimentos e teorias igualitários e libertários; centro-direita contendo, ao mesmo tempo, “libertários e inigualitários”; e por fim, a extrema-direita fica com os inigualitários que são antidemocráticos.

É importante salientar que Bobbio admite que a realidade seja mais complexa do que os quatro posicionamentos apresentados. Entretanto, estes devem ser marcos fundamentais pelos quais se possibilita apreender e compreender os mais diversos espectros e práticas políticas que se desdobram na realidade social.

**Tabela 1** - Posicionamentos políticos de Bobbio com exemplos históricos.



188

Fonte: elaboração própria.

## 9. Considerações finais

Como exposto, o tema direita e esquerda possui uma alta carga valorativa, visto que é um assunto que toca em questões íntimas e sensíveis ao ser humano.

Sendo assim, as análises sobre o tema estão sujeitas a serem excessivamente conduzidas por juízos de valor se resumindo a discursos superficiais e maniqueístas.

O desconhecimento das posições que se contrapõem às nossas pode nos levar a ter a visão simplista, de que nós estamos do lado do “bem”, enquanto o outro está do lado do “mal”. Isso impossibilita qualquer forma de diálogo.

Não cremos ser esse o caso de Bobbio, pois em nossa leitura, ele consegue apresentar diversos posicionamentos políticos perpassando pelas suas respectivas vantagens e limitações que vão desde questões ignoradas até discursos pejorativos, como afirmar que toda pessoa de esquerda é igualitarista ou afirmar que toda pessoa de direita é a favor de uma sociedade altamente hierarquizada e desigual.

Essa característica de Bobbio faz de sua análise sobre o tema uma importante contribuição ao campo do saber, especialmente para as Ciências Sociais. Entretanto, a análise de Bobbio não é totalizante e nem tem a pretensão de ser.

A partir disso, retomamos uma questão identificada no pensamento de Bobbio sobre a díade direita e esquerda que não é trabalhada explicitamente de forma a ser colocada como variável significativa na análise: o conservadorismo moderno.

Um dos principais expoentes do conservadorismo moderno é o filósofo e político Edmund Burke (1729-1797), cujo tema principal de sua construção teórica é o valor da ordem. Mas precisamos ter cuidado com as pressuposições, pois ordem em Burke, não significa ausência de mudança, mas, sim, a necessidade de que toda alteração do *status quo* de uma sociedade seja realizada respeitando os fundamentos dela.

Para Burke (2014), a sociedade é um organismo vivo que tende a perecer caso não se adapte às novas demandas que surgem ao longo do tempo. Entretanto, essas mudanças devem ser efetuadas cautelosamente, pois do contrário, o tecido social pode se romper, trazendo consequências desastrosas como o imenso número de mortos da revolução francesa, a qual Burke nunca nutriu sentimentos positivos devido aos seus horrores.

O autor conservador compara toda sociedade a um edifício, que possui uma estrutura fundamental. Quando se observa uma construção antiga, deve-se atentar para sua resistência ao tempo, e justamente por isso que toda mudança nesse edifício

deve ser feita de forma a respeitar (e esse respeito não implica em nunca alterar) o que fez com que ele resistisse por tantos anos.

Essa consideração pela tradição implica em reformar o edifício ao invés de demoli-lo com vista a se construir algo inédito que nunca foi testado pela história e pelo tempo — tendo como única garantia de sucesso a abstração via razão na mente do pensador esclarecido. O pensamento de Burke, portanto, possui a marca do ceticismo em relação às utopias.

Assim como não existe liberalismo, mas “liberalismos”, acredito que não existe conservadorismo, mas “conservarismos”, entretanto, partilho da idéia<sup>7</sup> de eles são unidos pelo valor da ordem.

Voltando ao Bobbio, ao tratar sobre a diferenciação horizontal da díade “extremismo-moderantismo”, Bobbio, distingue o lado moderado (no qual ele se situa) como sendo aquele em que se posicionam os autores e posicionamentos políticos de visão gradualista e evolucionista da mudança histórica, ao passo que os extremistas possuem uma visão de saltos qualitativos históricos, tendo o homem (agente) como um protagonismo essencial.

O problema que Bobbio enxerga no extremismo — seja de direita ou esquerda — é justamente essa intenção de se realizar mudanças abruptas na história humana, em busca de algo que nunca foi testado, desprezando todas as conquistas já realizadas.

O que ele entende como “conquistas já realizadas” são os progressos democráticos na humanidade, pois foi por meio da democracia<sup>8</sup> que se conteve os grandes abusos de poder. Ao passo que todas as vezes que se sacrificou a ordem em nome da busca por uma sociedade ideal (seja uma sociedade onde todos são plenamente iguais ou plenamente livres), os resultados alcançados se mostraram avessos ao lugar onde se pretendia chegar.

Portanto, romper com a democracia (por mais limitações que ela possa ter) para se buscar algo melhor não seria um avanço para Bobbio, mas um retrocesso.

---

7 Ver: Coutinho, J. P. (2014). *As Idéias Conservadoras*. São Paulo: Editora Três estrelas.

8 Democracia representativa.

Nesse sentido, as conquistas democráticas devem ser conservadas e reformadas ao longo do tempo, de forma a avançar sem o risco de perder o que já foi conquistado.

Pensando nisso, na análise bobbiana sobre direita e esquerda, o conservadorismo como ordem, deveria ser colocado como variável significativa ao lado do liberalismo e socialismo, pois Bobbio o trata de forma efêmera e superficial, alocando-o ao lado do liberalismo na direita.

Precisamos ser cautelosos ao posicionar ambas vertentes lado a lado, pois o conservadorismo nasceu justamente da contraposição ao iluminismo que influenciou a Revolução Francesa. Ao mesmo tempo em que o valor central que une os diversos liberalismos é a liberdade, tendo como contraposição os diversos conservadorismos que prezam pela ordem.

Bobbio une liberalismo e conservadorismo na direita via o fator de distinção igualdade-desigualdade (que é o valor que une os diferentes socialismos). Mas outros valores como liberdade e ordem (que são centrais no liberalismo e conservadorismo, respectivamente) também poderiam ser usados, causando assim, alocações das práticas e teorias políticas diferentes da que vislumbrou Bobbio em suas conclusões.

Concluimos, assim, que as análises bobbianas sobre direita e esquerda devem ser um ponto de passagem obrigatória para quem deseja entender ou mesmo se aprofundar sobre o tema. Porém, é importante ressaltarmos que Bobbio não encerrou a questão, afinal, os tipos ideais não correspondem à totalidade do real, mas pode nos ajudar a levantar novas inquietações que servem de impulso para que os futuros pesquisadores se debrucem sobre esse tema oferecendo suas contribuições, assim como Bobbio o fez.

## Referências

NORBERTO, B. (1982). *O conceito de sociedade civil*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

\_\_\_\_\_. (1983). *Qual socialismo? Discussão de uma alternativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_. (1987). *Estado, governo, sociedade; por uma teoria geral da política*. Rio de Janeiro: Paz e terra.

\_\_\_\_\_. (1994). *As ideologias e o poder em crise*. 3ª edição. Brasília: Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. (1995). *Direita e Esquerda. Razões e Significados de uma Distinção Política*. São Paulo: Editora UNESP.

\_\_\_\_\_. (1998). *Diário de um século: Autobiografia*. Rio de Janeiro: Campus.

\_\_\_\_\_. (2000). *O futuro da democracia*. São Paulo: Paz e Terra.

HOBBSAWM, E. J. (1996). *A era das revoluções*. 9ª edição. São Paulo: Paz e Terra.

WEBER, M. (2001). *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 1. 4ª Edição. São Paulo: Cortez.

VANNUCHI, P. (2001). *Bobbio, a trajetória de um questionador*. Lua Nova. n.53. pp. 69-97.

COSTA, J. H. (2011). *Max Weber e a objetividade do conhecimento nas ciências da cultura: um breve guia para o texto A 'Objetividade' do Conhecimento na Ciência Social e na Ciência Política*. Revista Espaço Acadêmico, v. 10, n. 120.

LAFER, C. (2013). *Norberto Bobbio: trajetória e obra*. São Paulo: Perspectiva.

L, Ana Carolina, and José Chiappin. "A teoria da democracia de Giovanni Sartori: uma defesa da democracia representativa." *Revista Política Hoje - 2ª Edição - Volume 22* - p. 65-86 (2013).

COUTINHO, J. P. (2014). *As Idéias Conservadoras*. São Paulo: Editora Três estrelas.

BURKE, Edmund. (2014) *Reflexões sobre a revolução na França*. Tradução José Miguel Nanni Soares. São Paulo: Edipro.

PALASSI Filho, Arlindo (2016). "Teoria contemporânea da democracia: as visões de Schumpeter e Dahl." *Em Tese* 13.2 : 127-141.

---

Recebido em 12 de setembro de 2019  
Aprovado em 15 de outubro  
<https://doi.org/10.31990/agenda.2019.1.7>